

# Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião

anais.est.edu.br/genero

ECOLOGIA | ECONOMIA | ECUMENISMO

ECOLOGIA | ECONOMIA | ECUMENISMO



## AS ABORDAGENS DAS MULHERES NEGRAS COMO UMA PROPOSTA AFROCENTRADA DE DECOLONIALIDADE NAS AMÉRICAS

The approaches of Brazilian black women as an afrocentred proposal of decoloniality in the Americas

Janine Nina Fola Cunha

### Resumo

Decolonialidade e feminismo – paradigmas conceituais impetrados no mundo e sustentados em âmbitos machista, classista, racista e sexista e a crítica do movimento feminista é severa em relação à assimilação social que é uma muralha a ser atravessada neste caminho de construção contra hegemônica. Mesmo nos discursos subalternos, há a possibilidade de neles conter, através da força dos mecanismos aos quais estão estruturados para ser reproduzida, a força do capital, neoliberal e colonial. E na mulher negra brasileira podemos encontrar um novo paradigma, pois tem a vivência da opressão das sociedades ocidentais, uma visão histórica, o que traz uma compreensão integral das profundas consequências sociais. Em contrapartida, a recriação das tradições africanas como forma de resistência à escravidão e à vida de subalternidade e desumanização, reconfigurou o espaço/poder destas mulheres. Observando, experimentando, pesquisando e atuando neste movimento de resistência e sofrendo efeitos de colonialidade, percebe-se nos Terreiros, um novo paradigma social como exemplo.

**Palavras-chave:** Mulheres negras. Pensamento de mulheres negras. Feminismo negro.

### Abstract

Decoloniality and feminism - the conceptual paradigms impelled in the world were sustained in chauvinistic, classist, racist and sexist realms, and the critique of the feminist movement is severe in relation to the social assimilation that is a wall to be crossed in this way of construction against hegemonic. Even in the subaltern discourses, there is the possibility of containing, through the force of the mechanisms to which they are structured to be reproduced, the force of capital, neoliberal and colonial. And in the Brazilian black woman we can find a new paradigm because it has the experience of the oppression of Western societies, a historical vision that brings an integral understanding of the profound social consequences. On the other hand, the re-creation of African traditions as a form of resistance to slavery and the life of subalternity and dehumanization reconfigured the

space/power of these women. Observing, experimenting, researching and acting in this resistance movement and suffering effects of coloniality, one perceives in Terreiros, a new social paradigm as an example.

**Keywords:** Black women. Black women thinking. Black feminism.

### Considerações Iniciais

Este artigo aborda o pensamento decolonial de mulheres negras intelectuais e traz uma reflexão sobre o que, num contexto globalizado, as mulheres negras propõem em ser e estar no mundo a partir de legados tradicionais, históricos e posições sociais construídas nas sociedades das Américas. O foco da reflexão culmina nas mulheres de Terreiro e o modo como essas mulheres agenciam suas formas de conhecimento, o potencial emancipatório e o projeto político que se mostra essencialmente existencial e libertador.

O artigo tenta aproximar e propor, num contexto brasileiro, a dinâmica vivida nos espaços de preservação do legado cultural e humano. Usando este manancial empírico e entendendo as mulheres negras protagonistas potentes de transformação e lugar, aonde a cosmovisão de mundo, a presença, o pensamento e a fala são grandes armas. Trazendo à tona estas percepções, textos e analogias de intelectuais mulheres, negras e brasileiras, embebidas pela perspectiva pós-colonial e utilizá-las como fonte direta de construção de texto e bibliografia sobre o tema. Pois como cita Santiago Castro-Gómez ao texto de Edgardo Lander:

[...] a formação profissional (oferecida pela Universidade), a investigação, os textos que circulam, as revistas recebidas, os lugares onde se realizam as pós-graduações, os regimes de evolução e reconhecimento do acadêmico, tudo aponta para um sistema de reprodução de uma visão de mundo com perspectivas hegemônicas do Norte<sup>1</sup>.

É a partir desta afirmativa que no texto reforço na necessidade de nós mulheres negras temos de fazer constantemente no exercício de quebra deste sistema de reprodução de uma visão de mundo hegemônica. Quando Ochy Curiel começa seu texto afirmando que: “uma feminista deve sempre suspeitar dos paradigmas conceituais impetrados no mundo,

---

<sup>1</sup> CASTRO-GÓMEZ *apud* LANDER, Edgardo. Conocimiento para qué? Cononimiento para quem? Reflexiones sobre sobre la Universidad y la geopolítica de los saberes hegemónicos. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago (Ed.). *La reestructuración de las ciencias sociales em América Latina*. Bogotá: Centro Editorial Javeriano, 2000, p. 65.

pois na maioria deles foram sustentados em âmbitos machista, classista, racista e sexista”<sup>2</sup>, percebi que a crítica do movimento feminista é e deve ser severa e que a assimilação social é uma muralha a ser atravessada neste caminho de construção contra hegemônica, colocando as mentes daquelas que neste paradigma se enquadram, num efeito crítico e desnaturalizador cotidiano.

### **Pós-colonialidade e feminismo. O que tem a ver?**

Mesmo nos discursos ditos subalternos, ainda com Curiel, há a possibilidade de neles conter, através da força dos mecanismos aos quais estão estruturados para ser reproduzida (academia em países europeus e nos EUA), a força do capital neoliberal e colonial. Neste sentido, há a necessidade de uma grande luta com esforço intelectual e ideológico extremo para que, além da crítica haja criatividade o suficiente para burlar leis orgânicas nos modos de ser e estar neste mundo da colonialidade.

Na leitura de Ilse Scherer-Warren, o pensamento universalista acerca de um sujeito único e central nas produções teóricas não constrói entendimento total sobre as opressões e discriminações que ocorrem com as diferenças socioculturais ocorridas na América Latina<sup>3</sup>. Assim, os estudos pós-coloniais em si, incorporam legados das teorias anteriores, mesmo pensando a subalternidade dos sujeitos sociais da América Latina que interpretam a modernidade a partir de outro lugar: o lugar do colonizado que vivenciou um processo histórico de opressão e subalternidade.

Quando Anibal Quijano afirma que “a colonialidade explica as realidades sociopolíticas, econômicas, culturais e de construção das subjetividades como efeitos do colonialismo e que assim fortalece a busca pelas ‘vozes’ silenciadas neste processo de diversos sistemas de opressão”<sup>4</sup>, constatamos que veementemente o mais importante é a produção textual e crítica, permitindo assim, para as mulheres em geral e principalmente às negras, um avanço metodológico e pragmático para uma crítica feminista se estruturando como paradigma epistemológico inovador e transformador para as sociedades subalternas.

---

<sup>2</sup> CURIEL, Ochy. La crítica postcolonial desde las prácticas políticas del feminismo antirracista. *Revista Nómadas*, Bogotá, no. 26, p. 92-101, 2007.

<sup>3</sup> SCHERER-WARREN, Ilse. Movimentos sociais e pós-colonialismo na América Latina. *Revista Ciências Sociais Unisinos*, São Leopoldo, vol. 46, no. 1, p. 18-27, 2010, p. 19.

<sup>4</sup> QUIJANO, Anibal. Colonialidad del poder y clasificación social. In: CASTRO-GOMÉZ, S.; GROSGUÉL, R. (Orgs.). *El giro decolonial*. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global, Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007, p. 93-1126.

O que não há como negar é que em contato com outras fontes, vozes de conhecimento, como por exemplo, com Gayatri Spivak<sup>5</sup>, sentimos uma imensa semelhança na necessidade de fala e de escuta daqueles que em espaços sociais e acadêmicos não encontram eco e nem preenchem os lugares da invisibilidade.

Com isso, retorno a questão, me fazendo as seguintes perguntas: Como durante décadas pude não falar sobre este assunto, tão caro para minha existência? Como o feminismo se torna menos importante neste mundo que transito e carrego ao ponto deste assunto ser invisível e indiscutível para mim?

Quando estruturo estas perguntas, após tantos suportes teóricos, me sinto com maior facilidade de dar resposta a estas que são questões centrais, não só respondendo a mim, mas também compreendendo o que é para a maioria das mulheres latino-americanas. Assim como o racismo, que cega os olhos de quem não é permitido ver, ou que culpa a sua vítima e não ao agressor, segundo Kabenguele Munanga<sup>6</sup>, descobri em mim a necessidade de enfrentar a postura feminista depois de anos negando-a, compreendendo minhas irmãs.

Os discursos, modos de fala, apresentação e local de origem revelam muitas coisas. Quando escutamos mulheres de classe média ou alta, mulheres acadêmicas, falas construídas de forma elitista, intelectual e política, distanciada do lugar donde se remetem, nós mulheres negras periféricas, sentimos as relações que se estabelecem e a distância a que estamos destas mulheres. Sentimos a hierarquização do conhecimento, a hegemonização do saber e do poder através da fala e do domínio político. Sentimos todo o legado histórico da nossa condição racial/social subalterna. E neste sentir, que pode estar situado na consciência, mas muitas das vezes se situa na inconsciência, nos bloqueia e nos defende da sensação possível de inferioridade que este discurso, mesmo que nos seja representativo ou até mesmo defensivo de nossas questões, nos causa. Frantz Fanon<sup>7</sup>, e os processos de subjetivação, explica-nos como isso se dá na construção do colonialismo em relação aos nossos corpos e mentes.

Este relato, pessoal, pode responder a uma série de perguntas sobre o não engajamento de mulheres negras e pobres ao feminismo, assim como o não engajamento

---

<sup>5</sup> SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

<sup>6</sup> MUNANGA, Kabenguele; HASENBALG, Carlos Alfredo; SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Racismo: Perspectivas Para Um Estudo Contextualizado Da Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1998.

<sup>7</sup> FANON, Frantz. *Peles negras, máscaras brancas*. Salvador, EDUFBA, 2008.

em massa das mulheres ao feminismo. Seria necessária a presença, os discursos em todas as partes e a postura crítica das mulheres a todas as instâncias das forças dominantes?

Se a resposta é sim, fico imaginando a mudança nas relações, nas produções intelectuais, nas discussões políticas, na formação das famílias, enfim, como se proporcionaria uma mudança concreta do paradigma patriarcal imposto e hoje mantido por causa da naturalização e distanciamento do discurso político e inovador, ajudando na proposta de interromper o processo de colonialidade impetrado nas sociedades ocidentalizadas.

A autonomia das mulheres no fazer e no saber seria a chave mestra que contemporaneamente poderia contrariar processos de subjugação da mulher em todos os seus espaços de vida e de ação.

### **Mulheres negras: algo em particular**

Numa análise do escalonamento social, encontramos os homens brancos no topo, logo abaixo, as mulheres brancas, depois os homens negros e, por fim, as mulheres negras. Esta condição de inferioridade não se dá somente nesta hierarquização de valores de cada cidadão, mas subjetivamente coloca aos outros uma superioridade capaz de fazer uso dela e, por consequência, manter este escalonamento como se apresenta. Mesmo os homens negros, apresentando solidariedade em relação ao racismo, podem colaborar para a manutenção de superioridade de gênero, assim como as mulheres brancas, em sua posição racial “mais privilegiada” também, sem a crítica bem colocada e o deslocamento das zonas de conforto aos privilégios, podem reproduzir e colaborar para a manutenção da posição superinferiorizada da mulher negra.

Quais então seriam as ferramentas utilizáveis para que fosse forjada uma saída, uma alternativa de redução e até extinção destes mecanismos de opressão? Quando que em relação aos outros, este grupo de mulheres poderia se colocar numa situação de igualdade? Que ferramenta seria poderosa no contexto atual e global para arquitetar mecanismos de equidade?

Ochy Curiel problematiza ainda mais a questão da mulher negra quando insere na realidade destas mulheres a situação da sexualidade, ou da homossexualidade feminina

negra, que para ela seria a situação mais radical contra-hegemônica e questionadora de padrões sociais. A situação de lesbianidade, segundo Orchy, é:

[...] as mulheres e a humanidade, devem ter uma visão integral da realidade, pois o movimento deve afetar as políticas neoliberais, a guerra, o militarismo, o racismo, os fundamentalismos na vida de todos e todas, atingindo tudo aquilo que manifesta realmente o patriarcado e suas formas atuais. Uma proposta que precisa transformar-se em um projeto que transpasse fronteiras, descolonizando nossas vidas particulares [...] <sup>8</sup>

Mesmo pela radicalidade de Curiel ou pela positividade de *bell hooks*<sup>9</sup> frente à adversidade, o que se extrai como um sumo do pensamento destas duas intelectuais é que a experiência particular e histórica da mulher negra a autoriza, como que numa particularidade sem medições, a ser voz de seu próprio grito.

A construção branco-burguesa do discurso feminista fez com que as mulheres negras e pobres nunca tivessem se sentido representadas. Portanto, o engajamento se tornou uma barreira. Ainda mais quando este discurso serviu para a perpetuação do capitalismo e do neoliberalismo americano e europeu. *bell hooks* traz para si e para as mulheres negras, que historicamente fizeram uma caminhada de luta, a responsabilidade de construir o Black Feminism pós-colonial da negras norte-americanas. Num discurso do Coletivo Combate River, de 1977, tem a seguinte frase de ordem: “[...] nossa tarefa específica é o desenvolvimento de uma análise e prática integradas, embasadas no eixo de que os sistemas maiores de opressão se encadeiam.”

Ainda hoje este discurso ainda repercute para as mulheres negras estadunidenses, desenvolvendo outros discursos, citando como exemplo o feminismo chicano de Glória Anzaldúa<sup>10</sup>, uma feminista lésbica mestiça norte-americana/mexicana e o movimento de mulheres negras brasileiras que com suas peculiaridades, na Conferência de Durban – África do Sul em 2001, foi avaliado como o movimento de maior organização dentro do evento e que teve atuação de importância nas discussões<sup>11</sup>.

<sup>8</sup> CURIEL, 2007.

<sup>9</sup> HOOKS, Bell. Mujeres negras. Dar forma a la teoria feminista. In: HOOKS, Bell *et al* (Orgs.). *Otras inapropiables: Feminismos desde las fronteras*. Madrid: Traficantes de Sueños, 2004.

<sup>10</sup> ANZALDÚA, Glória. *Borderlands, La frontera, the new mestiza*. San Francisco: Aunt lukee books, 1987.

<sup>11</sup> CARNEIRO, Sueli. A Batalha de Durban. *Estudos Feministas*, Florianópolis, vol. 10, no. 1, p. 209-214, 2002.

## Mulher negra brasileira: um arcabouço para um novo paradigma sócio-humanitário

A opressão da mulher negra diaspórica nas sociedades ocidentais e periféricas multirraciais precisa ser lida com a visão histórica profunda e solidária. Pois isso dará uma compreensão mais integral e reconhecer-se-à as profundas consequências sociais e relacionais deste grupo em questão.

Em contrapartida, particularmente no Brasil, a recriação das tradições africanas como forma de resistência à escravidão e à vida de subalternidade e desumanização, reconfigurou o espaço/poder destas mulheres.

Segundo Carlos Moore, as sociedades do setentrional oriental se organizaram de forma comunitária e solidária<sup>12</sup>. Pressupostos de sociedades onde as mulheres não gozavam de lugares de subalternidade, mas sim de complementaridade para a manutenção da ordem e do crescimento das comunidades. Isso deu a estes grupos características de não competição individual e de divisão equânime de tarefas domésticas.

À medida que estudamos a filosofia de matriz africana, buscando intelectuais tais como Cheikh Anta Diop, citado por Charles Finch III, que afirma que:

As civilizações africanas têm como um dos seus valores civilizatórios mais proeminentes é a cosmologia, isto é, o ser humano integrante de forma equânime neste cosmos de diversidade, mas de valores iguais aos outros seres, sejam estes vivos ou não vivos, animados ou não animados, aonde o humano é tão ou igualmente importante quanto a pedra ou ao vegetal<sup>13</sup>.

Sentimos que a ordem de discurso e de visão de mundo dos descendentes destes povos toma outra dimensão, outro paradigma no ser/estar, nas relações sociais e na sua interpretação de humanidade. Claro que nestes mais de 500 anos de escravização, muitos destes pressupostos foram se dizimando, como que se extinguindo entre as comunidades, como efeito do colonialismo, da desumanização da população negra escravizada, pela hegemonia capitalista impetrada e hoje pelo imperialismo liberal, aspectos de humanidade, produtividade e relações sociais diferentes de seu modo original, marcado por Diop. Mas há diversas pesquisas que asseguram que no movimento de recriação de África, no Brasil e nas Américas através das religiões de matriz africana, pode-se perceber uma forte e latente vida

<sup>12</sup> MOORE, Carlos. *Racismo e Sociedade*. Novas bases epistemológicas para entender o racismo. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

<sup>13</sup> FINCH III, Charles S. Cheikh Anta Diop confirmado. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). *Afrocentricidade: Uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009.

destes pressupostos epistemológicos. Isso, para efeito de pesquisa e de registro científico e sociológico, é como se fosse uma pedra preciosa ou uma descoberta arqueológica que pode modificar o paradigma de pensamento eurocentrado, reforçando-se com a epistemologia da afrocentricidade, sistematizada por Molefi Kete Asante<sup>14</sup> (2009).

Voltando ao feminismo como proposta pós e decolonial, temos uma relação quase que conflituosa a problematizar: se as sociedades africanas e afrodescendentes no Brasil herdaram nitidamente um formato matriarcal de construção como, mesmo assim nas sociedades colonizadas, as mulheres não tiveram força para reverter o processo de opressão machista e racista?

As mulheres negras, tanto no Brasil, como em toda a América do Sul, sofreram e sofrem o mito de democracia racial, como matriz civilizadora e mantenedora do racismo à brasileira. Incluindo então a América do Norte, as mulheres negras foram e ainda são mão de obra barata e corpos disponíveis para violações, subordinações, violências sexuais e psicológicas. Foi neste contexto adverso, que as negras tiveram que se ajustar e se reconstruir, numa condição de servidão e subalternização absoluta, impetrando doloridamente nos seus corpos, formas de resistência à escravidão e à subordinação, tais como abortos, boicotes, protestos, fugas. Todas estas alternativas, podem ser consideradas de forma real à que a palavra se refere, subjetiva, coletiva e individual.

Então, a mulher negra, saindo de um protagonismo social em África, vem para esta total adversidade nas Américas e encontra a necessidade de reenquadramento social, onde lança um esforço enorme de adequação de suas estruturas cognitivas, do arcabouço civilizatório enraizado, onde seu protagonismo sempre foi pela coletividade. Pode somente atuar plenamente desta forma em espaços coletivos da população negra, muitos deles pesquisados e conhecidos da academia, tais como terreiros e quilombos. Mesmo com a colonialidade e toda a sua força de poder capital e cultural, conseguiu manter e preservar muitos valores constituídos nestes tempos. E como consequência de contraponto a isso, a objetificação do corpo da mulher negra é, cada dia mais, tema de debates e de formulação de ideias.

Partindo deste pressuposto civilizatório de coletividade seguimos com Katherine Bankole, descrevendo a caminhada incessante de mulheres norte-americanas na luta pelos

---

<sup>14</sup> ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). *Afrocentricidade: Uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009.

direitos civis, num artigo de pesquisa da disciplina de africalogia, desenvolvido com foco acadêmico sobre a história da mulher negra nos Estados Unidos<sup>15</sup>. No Brasil, temos Lélia Gonzalez, uma intelectual negra e brasileira que ainda não é estudada e nem pesquisada o bastante para que seja referencial de estudos pós-coloniais. Lélia conceituou a Amefricanidade, um contraponto à latinidade, que julga ser uma forma de eurocentrismo. Com isso, propõe uma reinterpretação das formas culturais em referenciais e modelos africanos e indígenas nas Américas. Esta proposta, que é epistemológica, a amefricanidade, propõe uma abordagem interligada do racismo, colonialismo, imperialismo e seus efeitos.

O que Lélia apresenta em comum ao que já vem se estruturando, é que amefricanidade se refere também à experiência, no caso de mulheres e homens, negras, negros e indígenas contra a dominação colonial. Lélia propõe, assim como *bell hooks*, no texto de Cláudia Pons Cardoso:

[...] a valorização de saberes ditos subalternos, visando a contribuir para a descolonização do feminismo, pois tais saberes podem provocar a elaboração de teorias feministas que dialoguem mais proximamente com mulheres negras, lésbicas, brancas pobres e indígenas, teorias cúmplices da ação política, nascidas de experiências particulares [...]<sup>16</sup>

No caminho de resistência em que se forjou a sociedade brasileira e a figura da mulher negra também assumiu propriedades de superpoderes, de resiliência, potência e capacidade de organizar por muitos, na presença e na força. A forma mais direta e de fácil reconhecimento de como as mulheres organizaram seus arcabouços civilizatórios é demonstrado nas religiões de matriz africana, nos Terreiros, recriações espaciais e tradicionais de África. Agregada aos terreiros e não diferente deles, juntam-se as danças, músicas, trabalhos de lavadeiras e colheita, modos de vestir, falar e se comportar, arranjos familiares matricentros e a relação com o corpo distanciado dos tabus eurocêtricos. Nesta “contraordem social”, esta representação é, muitas vezes, entendida como vulgaridade, inferioridade, rebeldia, animalidade, exotismo ou erotismo.

No texto de *bell hooks*, onde Rita Mae Brown, outra intelectual negra é citada, numa referência de construção social de visão de mundo, nem *bell* e nem Rita, relacionam este modo de ser com o “ser e fazer” negro visualizado à partir deste olhar. Este modo

<sup>15</sup> BANKOLE, Katherine. Mulheres Africanas nos Estados Unidos. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). *Afrocentricidade: Uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009, p. 253-275.

<sup>16</sup> CARDOSO, Cláudia Pons. Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez. *Estudos Feministas*, Florianópolis, vol. 22, no. 3, 2014.

coletivo ou participativo desde os tempos de escravidão das mulheres nas lutas coletivas, este feminismo da mulher negra, presente muito antes das palavras de ordem e libertação das mulheres brancas na cidadania e para o trabalho, deve ser situado como condição da mulher negra escravizada, colonizada, com os corpos e mentes violentados forçosamente dos seus pressupostos civilizatórios e epistemológicos, numa tentativa de enquadramento ao modo de ser eurocentrado, ou comportado. Quero afirmar então, que o fazer coletivo das mulheres negras, em essência é feminista. Quero afirmar aqui, que mesmo eu, estando fora dos padrões de movimentos sociais conformados pela necessidade de ouvir a multiplicidade de vozes subalternas, sempre fui e tive, assim como minhas antepassadas neste espírito.

No Brasil, onde a sua maioria da população pobre é negra e mestiça; onde estes lugares de resistência ao racismo se compuseram; onde nestes grupos de resistência, o recurso de busca de humanidade se forjou a partir da ancestralidade, da cultura e da comunidade, este modo de ser; levam-me a pensar que, no Brasil, negro, africano, indígena, há um terreno fértil para o que *bell hooks* propõe ao final de seu texto:

Esta experiência vivida pode dar forma a nossa consciência de maneira que nossa visão de mundo difere daquelas que tem certos graus de privilégio – por mais relativo que isso possa ser neste sistema existente. É essencial para o futuro das lutas feministas que nós mulheres negras reconheçamos o ponto especial de vantagem que a nossa marginalidade nos outorga e façamos uso dessa perspectiva para criticar a hegemonia racista, classista e sexista assim como para imaginar e criar uma contra hegemonia. Estou sugerindo que tenhamos um papel central, uma contribuição única e valiosa, formando uma teoria e uma prática feminista libertadora e uma responsabilidade coletiva que deve ser compartilhada. Mesmo criticando o movimento feminista tal como é conhecido, dura e implacavelmente, não tenho a intenção de desmobilizar as lutas feministas, mas sim enriquece-las, compartilhar as tarefas de construir uma ideologia e um movimento libertador<sup>17</sup>.

### **Há lugar para estudos pós-coloniais na Tradição do Povo de Terreiro?**

E nisso se compõe a contradição, pois em tempos de modernidade, de globalização, de apropriação cultural branco-capitalista, as identidades, não mais forjadas pela resistência, se formam pela superficialidade. Observando, experimentando, pesquisando e mesmo estando este movimento de resistência dominado pelo capitalismo, neoliberalismo ou simplesmente ainda sofrendo efeitos de colonialidade, percebe-se formatado nos Terreiros uma nova concepção de sociedade e um novo paradigma social a ser usado como exemplo.

---

<sup>17</sup> HOOKS, 2004.

Espaço de promoção de humanidade e de inclusão de todos os seres ou xenofilia. Cosmologicamente estes seres integrados, sejam eles animais, vegetais ou minerais, têm vez e voz na dinâmica diária e, entre os humanos, o gênero não é algo que lhe impute mais ou menos poder de ser e estar, muito pelo contrário, hereditariamente as mulheres detêm maiores poderes e protagonismos e humanisticamente carregam em si (corpo) e em seu devir (proposta de vida em/na comunidade) a proposta da criação descendente, da manutenção do saber e da tradição – poder geracional.

Infelizmente esta realidade tem demarcações territoriais, isto é, existem dentro do espaço dos Terreiros – espaços físicos de práticas conceituadas como religiosas, mas que em seu real significado são praticas tradicionais, sociais, de visão de mundo, modo de vida, de condição de ser conectado com o restante dos componentes do mundo – *ethos* conforme afirma Muniz Sodré<sup>18</sup>. E este território sofre, cotidianamente, a especulação imobiliária, a intolerância religiosa ou o racismo religioso, provocando inseguranças, mudanças continuadas e uma eterna situação de não ser deste lugar espaço/tempo.

Mas como construir este projeto político-existencial e libertador para mulheres e homens que lutam contra as desigualdades causadas diretamente pelo processo de escravização dos antepassados, colonização dos europeus nas Américas e continuada colonialidade?

Tenho então em *bell hooks* uma proposta de resposta no texto onde ela afirma que esta proposta pode vir a ser e estar entre as mulheres negras, fundando processos educativos que repudiem qualquer situação de subalternidade reconhecida e imaginada, sem uso de privilégios, sem opressões nem de gênero e nem de raça, considerando a existência do outro tão importante quanto à sua. Uma perspectiva da filosofia Ubuntu, ampliada a partir do feminino.

### **Considerações Finais**

Durante leituras pós-colonialistas e decoloniais fui provocada a uma reflexão que não é a primeira vez que me toma, mas que se apresenta de forma consubstanciada e forte para que a reflexão interferisse seriamente nesta escrita e nas minhas posturas em relação ao feminismo e principalmente, ao feminismo conjugado à luta antirracismo. Ao ter acesso

---

<sup>18</sup> SODRÉ, Muniz. *O Terreiro e a Cidade*. A Forma social negro-brasileira: Petrópolis: Vozes, 1988.

aos textos de *bell hooks* e Ochy Curiel senti que o que havia de mal elaborado nas experiências anteriores vividas nos movimentos sociais sobre o feminismo negro, estavam sendo respondidas pelas palavras das autoras. O diferencial neste momento foi como se apresentaram os textos: num contexto de leituras pós e decoloniais e que potencializaram a mensagem por estas mulheres transmitidas, assegurando que era hora de me envolver numa postura de maturidade para encarar este assunto em relação à minha trajetória militante e agora, acadêmica, composta por minha percepção do ser/estar mulher negra e de tradição neste mundo. No mesmo momento, percebi que no Brasil já havia sido construído por mulheres negras, que tiveram oportunidades de entrar na academia nas décadas de 70, 80 e 90 do século passado, um arcabouço teórico ao qual eu, coerente à postura pós-colonial a mim motivada, deveria me basear em todo o meu percurso futuro dentro da academia.

Frente a isso, fui empurrada ao desafio de escrever na linha pós-colonial e também, outro desafio por mim colocado quando entrei na Universidade, escrever sobre meu Povo de Terreiro. Portanto, venho aqui ensaiar algumas questões que permeiam em minha cabeça e que se constituem cada dia com mais escuridão em meus pensamentos.

Finalizando, Audre Lorde descreveu sua tarefa de vida como: “uma pessoa determinada a dar voz a todas essas desafiadoras, incorrigíveis e belas mulheres negras que insistem em ficar de pé e dizer: ‘eu sou e você não pode me tirar daqui’.”<sup>19</sup>

Como que numa reapropriação do território nas Américas, o pensamento, conhecimento e tradição enraizados numa África idealizada, Audre Lorde deixa um conselho reverente e recolhido de sua história, lido no texto de Bankole, que ilustra a finalização deste artigo:

MESMO QUE TENHA MEDO, AINDA ASSIM FAÇA!

## Referências

ANZALDÚA, Glória. *Borderlands, La frontera, the new mestiza*. San Francisco: Aunt lukee books, 1987.

---

<sup>19</sup> LORDE, Audre. Depoimento e ensaio críticos. In: EVANS, Mary (Org.). *Black women writers (1950-1980): a critical evaluation*. Nova York: Anchor, 1984, p. 286.

- ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). *Afrocentricidade: Uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009.
- BANKOLE, Katherine. Mulheres Africanas nos Estados Unidos. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). *Afrocentricidade: Uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009.
- CARDOSO, Cláudia Pons. Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez. *Estudos Feministas*, Florianópolis, vol. 22, no. 3, 2014.
- CARNEIRO, Sueli. A Batalha de Durban. *Estudos Feministas*, Florianópolis, vol. 10, no. 1, p. 209-214, 2002.
- CASTRO-GÓMEZ *apud* LANDER, Edgardo. Conocimiento para qué? Cononimiento para quem? Reflexiones sobre sobre la Universidad y la geopolítica de los saberes hegemónicos. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago (Ed.). *La reestructuración de las ciencias sociales em América Latina*. Bogotá: Centro Editorial Javeriano, 2000.
- CURIEL, Ochy. La crítica postcolonial desde las prácticas políticas del feminismo antirracista. *Revista Nómadas*, Bogotá, no. 26, p. 92-101, 2007.
- FANON, Frantz. *Peles negras, máscaras brancas*. Salvador, EDUFBA, 2008.
- FINCH III, Charles S. Cheikh Anta Diop confirmado. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). *Afrocentricidade: Uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009.
- HOOKS, Bell. Mujeres negras. Dar forma a la teoría feminista. In: HOOKS, Bell *et al* (Orgs.). *Otras inapropiables: Feminismos desde las fronteras*. Madrid: Traficantes de Sueños, 2004.
- LORDE, Audre. Depoimento e ensaio críticos. In: EVANS, Mary (Org.). *Black women writers (1950-1980): a critical evaluation*. Nova York: Anchor, 1984.
- MOORE, Carlos. *Racismo e Sociedade*. Novas bases epistemológicas para entender o racismo. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.
- MUNANGA, Kabenguele; HASENBALG, Carlos Alfredo; SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Racismo: Perspectivas Para Um Estudo Contextualizado Da Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1998.
- QUIJANO, Anibal. Colonialidad del poder y clasificación social. In: CASTRO-GOMÉZ, S.; GROSGOUEL, R. (Orgs.). *El giro decolonial*. Reflexiones para uma diversidade epistémica más allá del capitalismo global, Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007.
- SCHERER-WARREN, Ilse. Movimentos sociais e pós-colonialismo na América Latina. *Revista Ciências Sociais Unisinos*, São Leopoldo, vol. 46, no. 1, p. 18-27, 2010.

SODRÉ, Muniz. *O Terreiro e a Cidade. A Forma social negro-brasileira*: Petrópolis: Vozes, 1988.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.